

# António Feliciano de Castilho, a literatura alemã e Ossian

Gerald Bär  
Universidade Aberta Portugal

## Resumo

Este artigo focaliza o papel de António Feliciano de Castilho como mediador e tradutor no processo da recepção portuguesa da literatura de expressão alemã e dos poemas atribuídos a Ossian. Estes tópicos ficaram intimamente relacionados, uma vez que Goethe cita extensamente fragmentos ossiânicos no seu romance epistolar *Die Leiden des jungen Werthers* (1774). A importância de Castilho em chamar a atenção de círculos literários portugueses para autores como Gessner e Goethe foi largamente negligenciada após as severas críticas que a sua tradução de *Faust* de 1872 provocou. Todavia, o objetivo não é uma reavaliação da tradução de Castilho ou da sua metodologia, mas alcançar uma perspectiva mais vasta sobre a sua recepção e divulgação dos autores em questão.

**Palavras-chave:** Castilho; Gessner; Goethe; receção; divulgação.

## Abstract

This article focuses on António Feliciano de Castilho's role as mediator and translator in the process of the Portuguese reception of German literature and the poems attributed to Ossian. These issues are closely related, as Goethe quotes Ossianic fragments extensively in his epistolary novel *Die Leiden des jungen Werthers* (1774). Castilho's importance in drawing the attention of Portuguese literary circles to authors, such as Gessner and Goethe, has been largely overlooked after the severe criticism his *Faust* translation of 1872 had met with. However, the aim is no reappraisal of this translation, or of his methodology, but to gain a larger perspective on Castilho's reception and dissemination of the authors in question.

**Keywords:** Castilho, Gessner, Goethe, reception, dissemination.

*Sentei-me defronte desta [natureza] como gruta de fadas, e imaginei oque ha mais bello em Ossian, em Hoffmann, e nos contos orientaes, que eu, com vergonha o confesso, não tinha visto, nem vi depois; mas, nestes ultimos tempos, é preciso ser grande alarve para não saber tudo isto e muitas cousas mais, lendo os folhetins dos meus amigos, sabedores de tudo, conhecedores de todos os nomes distinctos, á excepção do Lobato, e do Madureira; menos euphonicos que Macpherson, Goethe, Klopstock, e outros, que elles conhecem, como eu, dos catalogos da bibliotheca Charpentier (CASTELLO BRANCO, 1860, p. 53).*

Estas palavras iniciais não provêm da correspondência entre Camillo Castello Branco e António Feliciano de Castilho, mas os dois autores trocaram de certeza opiniões sobre os assuntos literários acima mencionados. Na Jornada “António Feliciano de Castilho e a Cultura Europeia” (Universidade Aberta, 3 de novembro de 2015) Ida Alves apresentou, entre outras publicações e resultados do trabalho na Universidade Federal Fluminense, a obra *Para não esquecer Castilho* (2014). O presente ensaio acrescenta mais um aspeto a esta rica coletânea de estudos sobre o poeta português.

António Feliciano de Castilho (1800-1875) nasceu na época da revolução liberal e viveu a sua juventude em tempos de forte presença europeia em Portugal: desde 1807, as ambições imperialistas de Napoleão tornou o país no campo de batalha entre tropas francesas e inglesas. Terminada a campanha peninsular, após a derrota definitiva dos Franceses em 1810, o major-general inglês Beresford assumiu de novo o comando como chefe do exército português, influenciando também a administração do estado, que resultou em vários conflitos com a regência até a revolução de 1820. Segundo Thomaz Ribeiro, eram “compressões e atentados de mais para que o moço poeta deixasse de ser liberal, mas liberal lidimo, inimigo jurado de todas as tyrantias, até da liberdade” (RIBEIRO, 1877, p. 17). No entanto, no seu *Elogio Historico de António Feliciano de Castilho*, proferido na Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1877, Ribeiro constata que após o triunfo da revolução liberal, Castilho ficou “alheio á faina civica, á distribuição dos mandos e das recompensas”: “Dos grandes vultos liberaes de Portugal é Castilho o único, estranho absolutamente ao movimento civico da nova machina governativa” (RIBEIRO, 1877, p. 19). Para explicar esta ausência de cargos políticos, cita ainda as seguintes palavras de Castilho que considera inconciliável o estatuto de poeta (“Vates”) com o estatuto profano de um político:

Dos nossos poetas morreram uns, envelheceram outros, que é a peor maneira de morrer, outros secularisaram-se para os negocios, outros desertaram para a politica. ... Eu nunca, desde todo o principio, larguei o culto de bello, senão pelo do mais bello; nunca descí do Parnaso, senão para entrar na escola ... Resolvi, quasi, com uma habilidade que ninguem para si cubiçara, o problema de não ser coisa alguma n’este mundo ... (RIBEIRO, 1877, p. 19)

Esta visão do poeta teve como consequência que a sua inegável sabedoria e erudição não teve qualquer impacto político, muito contrário por exemplo, às abordagens de Garrett ou de Goethe que conseguiram reconciliar a sua vocação poética com cargos políticos, o último como ministro na Corte de Weimar. A vasta correspondência e o paratexto que acompanha muitas obras de Castilho são testemunhos da sua erudição. Nos prólogos e notas o poeta analisa as suas próprias fontes de inspiração, não escondendo as influências de precursores, como Homero, Virgílio, Ovídio e vários poetas franceses, de Molière (1622-1673) a Florian (1755-1794). Interessou-se também pela produção literária de expressão alemã, embora não falasse o idioma. Todavia, na

segunda década do século XIX existia um paradigma da literatura de expressão alemã que permitia comparações de géneros literários, obviamente baseados em alguns equívocos (Romantismo) e preconceitos nacionalistas. Numa carta de 1824, dirigida ao então jovem Castilho, José Agostinho de Macedo escreveu:

Veja se toda a melodia e sentimentaria dos românticos allemães eguala a sentimental melodia d'esta prosa de Bernardim Ribeiro [...] Todos os círculos da Alemanha, toda a confederação do Rheno, todos os cantos, ou canções das vacas dos cantões Suissos, não valem metade das naturaes lamurias de Francisco Rodrigues Lobo. (MACEDO, 1900, p. 196-7)

Durante a vida de Castilho apareceram poucas obras alemãs traduzidas em língua portuguesa. Uma exceção foram as poesias de Salomão Gessner (1730-1788), pintor e poeta suíço de Zurique, cuja recepção produtiva em Portugal se destaca.<sup>1</sup> No seu estudo “Salomão Gessner – um episódio português”, Fernanda Gil Costa refere Paul van Tieghem<sup>2</sup> que interpreta a

obra de Gessner como sintoma do advento da sensibilidade romântica, embora insistindo sempre na sua menoridade, acentuando aspectos como a espontaneidade da linguagem e a simplicidade da narrativa, veiculando mesmo a ideia duma semelhança básica com o fenómeno «Ossian». (COSTA, 1995, p. 185)

Além de uma tradução tardia e incompleta de *Werther* (1821), foi ainda notável o volume *Eccos da lyra teutonica Ou traducção de algumas poesias dos poetas mais populares d'Allemanha*, uma primeira tentativa para estabelecer um cânone da poesia alemã em português. A tradução de José Gomes Monteiro (Porto: Typ. de S. J. Pereira, 1848) foi baseada em versões francesas. Aliás, no seu estudo *Les Romantiques Portugais et L'Allemagne* (1939), Gerd Moser constata que anteriormente ao século XIX, todas as traduções portuguesas de obras alemãs foram executadas com a ajuda de versões francesas (MOSER, 1939, p. 11-12).<sup>3</sup>

A 20 de março de 1822, celebrou Castilho com vários amigos do seu círculo literário, o ‘Dia da Primavera’ durante o qual foram lidas quadras do idílio *Primavera* de Gessner, traduzido

<sup>1</sup> Já em setembro de 1761 a *Gazeta Literária* do Porto traz uma notícia crítica de *A morte de Abel*: poema épico em cinco cantos por Gessner (n. 12, p. 176-187). Muitas traduções se seguiram: *Idyllios e poesias pastoris*, trad. por Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa. Lisboa: Off. Simão Thaddeo Ferreira, 1784; *A morte de Abel*: poema épico em cinco cantos, trad. por Padre José Amaro da Silva. Porto: Off. que foi de António A. Ribeiro Guimarães, 1785; *Idyllios de Gessner*, trad. por José Freire de Pina Ozorio. Lisboa: Imp. Regia, 1812; *Erasto*: pastoral de Mr. Gessner, Lisboa: Typ. Rollandiana, 1817; *Evandro e Alcina*: pastoral de Mr. Gessner. Lisboa: Typ. Rollandiana, 1817; *O primeiro navegante*: poema, trad. por D. M. A. F. L. S. L. M.. Lisboa: Typ. Rollandiana, 1819; *Bibliothecasinha da infância*, trad. Antonio Monio Barreto Corte Real. Angra do Heroísmo: Typ. de M. J. P. Leal, 1855, entre outros. Cf. Henrique de Campos Ferreira de Lima. O poeta suíço Salomão Gessner em Portugal (Notas Bibliográficas), Separata *Biblos*, XXI, Coimbra, 1946.

<sup>2</sup> Cf. Paul van Tieghem. *Ossian en France*, 2 v., Paris, 1917, e *Le Prérromantisme. Etudes d'histoire littéraire européenne*, 3 v., Paris 1924, 1930, 1947.

<sup>3</sup> “Avant le XIXe siècle, le nombre de Portugais qui connaissaient l'allemand était si infime que tous sans exception s'adressaient à des traductions françaises – car il n'est pas difficile pour un Portugais de comprendre le français – ou bien à des traductions portugaises, mais faites sur ces traductions françaises” (MOSER, 1939, p. 11-12).

por Albano Subtil de Pina (Albano). No seu “Ante-Prologo” da segunda edição do seu próprio poema *A primavera* (1837), Castilho confessa a grande influência deste poeta suíço, não só na sua obra, mas na sua mundivisão: “Gessner não era para mim um nome, senão um individuo presente, um suavíssimo contubernal; nem ja suas obras me erão livros, uma realidade, vida e mundo” (CASTILHO, 1837, p. 11). Referindo a autoridade de Florian para afirmar a qualidade deste poeta, famoso pela descrição melodiosa de idílios campestres, Castilho considerou Gessner “o mais selecto de todos eles”, no qual e na “escolha de Poesias Allemãs” por Huber,<sup>4</sup> dedicou durante “alguns annos” toda sua leitura. Desprezava os autores portugueses que tinham “escrito e poetado de couzas rusticas” e tomou grandes precauções para que ninguém “lançasse lodo e arêa no jardim que bem ao meio da alma [lhe] havia sido por Gessner plantado” (CASTILHO, 1837, p. 11-12). Com orgulho da sua própria obra, chega à conclusão: “Se eu tivesse filhos e filhas a quem dar criação, sei que enquanto não podessem ler Gessner, e seus bons imitadores estrangeiros, lhes daria a *Primavera* ...” (CASTILHO, 1837, p. 44).

No “poemeto inédito *As Flores*, fruto da primeira mocidade do autor” (Castilho, 1907, LI: 63) podemos ler versos sobre Gessner que combinam o seu idílio botânico com um sentimento de “joy of grief” conhecido de Ossian:

Não sabes tu, singela rapariga,  
 onde o Vate apreendeu tão raros cantos?  
 Gessner tinha um jardim, tratava flores,  
 gosava, como tu, da Natureza,  
 passeava, meditando, os bosques densos,  
 sobre a relva extendido mollemente  
 longas horas jazia olhando as flores,  
 e tinha um coração benigno, terno.  
 Seu livro encantador chorando fechas;  
 que precioso pranto! Oh! se algum dia  
 Em versos meus taes lagrimas cahissem!...  
 (CASTILHO, 1907, LI, p. 86)

Numa longa nota de rodapé, Castilho revela os seus conhecimentos das circunstâncias da vida particular do seu venerado ídolo, informações obtidas das obras da Condessa de Genlis nas quais recorda uma visita à quinta de Salomão Gessner. O poeta português traduz um passo, no qual Genlis descreve ironicamente Gessner “a fumar no seu cachimbo, e a beber uma garrafa de cerveja”, enquanto a sua “boa mulher de jubão e coifa” que a condessa tinha imaginado como “pastora de rematada formosura”, fazia meia. Mesmo perante este cenário algo caricato, o desejo

<sup>4</sup> Michael Huber (1727-1804, tradutor de Gessner), *Choix de poésies allemandes*, 1766. Costa (1995, p. 187) sublinha que as traduções atribuídas a Huber foram feitas em colaboração com o político, homem de letras e tradutor de *Ossian*, Jacques Turgot, que, por razões políticas, preferiu manter-se na sombra.

de Castilho é de cumprir “a romaria que tenho votada, á sepultura d’este meu Santo do Parnaso” (CASTILHO, 1907, LI, p. 142). A influência arcádica do poeta suíço, cuja obra pastoril era muito mais apreciada em França do que nos países de expressão alemã, é de longa duração. No primeiro volume do *Arquivo Universal* (1859), encontra-se ainda uma imitação de Gessner, intitulada “A invenção dos jardins (segundo Salomão Gessner)” que foi posteriormente incluída na coleção de poesias *O outono* (CASTILHO, 1863, p. 201-209).

Comparando as traduções portuguesas do idílio “Amintas” de Freire Barbosa (1784), Pina Osório (1812) e Castilho (1830), Fernanda Gil Costa chega a conclusão:

Só a tradução de António Feliciano Castilho, de 1830, que veio a ser incluída no livro de Memórias, organizado pelo filho, vem a seu modo fazer justiça ao texto gessneriano, embora não tenha tido qualquer influência na recepção portuguesa do suíço. (COSTA, 1995, p. 190)

Nas *Novas excavações poeticas* (1905), foi ainda publicada a sua tradução de outro idílio do poeta suíço intitulado “Mirtilo e Dafne”.

Obviamente, a preferência de Castilho pela poesia idílica e pelos ideais arcádicos de Gessner, junto com uma (auto)imagem de poeta (“Vate”)<sup>5</sup> não correspondiam ao conceito poético do Romantismo, baseado na inspiração e originalidade. Este facto determinou a sua recepção após a quase interminável época do Ultrarromantismo e fomentou críticas da *Geração de 70*. Não surpreendem atributos, como “árcade póstumo” (cf. MAFFEI, 2014, p. 38-39), embora David Mourão Ferreira (1976) tenha detetado características modernas nas obras poéticas de Castilho.

Para Castilho, Ewald von Kleist era um autor de referência,<sup>6</sup> tal como Johann Peter Uz (1720-1796), representante da poesia anacreônica alemã, Johann Andreas Cramer (1723-1788), teólogo e poeta, Friedrich Gottlieb Klopstock (1724-1803), célebre autor da *Messiada*<sup>7</sup> e Christoph Martin Wieland (1733-1813), o “Voltaire do norte”. Entre 1830 e 1835, compôs os poemas românticos “A noite do castello” e “Os ciúmes do bardo”, embora sem abjurar o “Clássico”. Nesta fase “gótica” da sua carreira literária Castilho beneficiou da leitura de uma obra alemã que teve um impacto considerável na Europa, embora o poeta português professasse não ir “pelos campos fazendo, como de si dizia Kleist, caçadas poeticas de imagens” (CASTILHO, 1837, p. 39). Antes de escrever o seu *Monge* (*The Monk*, 1796), Matthew Gregory Lewis (1775-1818), passou sete meses na Alemanha, onde leu muito e conheceu alguns escritores alemães. No entender dos seus compatriotas, o seu nome tornou-se sinónimo com a assim chamada “German School of Terror”. Além de Mary Shelley (*Frankenstein*, 1818) também Anne Radcliffe, a autora de *Mysteries of Udolpho* (1794), tinha recorrido a fontes

<sup>5</sup> Na cultura dos Celtas, os Vates (visionários, profetas) formavam uma dos três classes de sacerdotes/poetas; os outros eram os Druidas e os Bardos.

<sup>6</sup> Não se trata do conhecido Heinrich von Kleist (1777-1811), mas do militar e poeta Ewald Christian von Kleist (1715-1759) que escreveu também, tal como Gessner, fabulas, contos e idílios. As suas obras foram traduzidas para o francês por Hubert (1766), Béguelin (1788) e Sarrazin (1802).

<sup>7</sup> *Der Messias*, poema épico publicado entre 1748 e 1773.

alemãs, utilizando, por exemplo, o fragmento *Der Geisterseher* (1787/89) de Friedrich Schiller. Nesse âmbito gótico foi a influência de Friedrich Schiller (1759-1805) que se revelou igualmente muito relevante para a receção produtiva de António Feliciano de Castilho num género literário intimamente ligado com a imagem aterrorizadora da Alemanha, divulgada por vários autores britânicos. Em 1834, Castilho ouviu pela primeira vez ao seu amigo Alexandre Herculano, a recitação de uma balada inglesa de Lewis que não apreciou. Na balada “Affonso e Isolina”,<sup>8</sup> no entanto, vislumbrava-se o germe do enredo do poema *A noite do castello* (1836). Herculano estudava intensamente a língua alemã, leu Schiller e começou a tradução do seu romance *Der Geisterseher* (1789).<sup>9</sup> Mas Castilho admitiu que já no final de março do ano de 1830, tivesse acontecido a concepção “do primeiro embrião” do seu poema, nomeadamente poucos dias após ter ouvido ler o primeiro tomo do *Fantasma profeta* de Schiller (1864, p. 133-134). A tradução portuguesa deste romance inacabado de Schiller só foi publicada em 1852, com o título *O visionario*.<sup>10</sup>

Castilho menciona a correspondência entre Friedrich Schiller e Johann Wolfgang von Goethe (1759-1832)<sup>11</sup> que não tinha despertado grande interesse em Portugal, enquanto escritor. Um primeiro elogio surgiu num artigo de *O Compilador ou Miscellanea Universal*, que destacou Goethe e Wieland como “nascentes genios” (COMPILADOR, I, 6 abr. 1822, p. 479). Castilho conhecia as duas traduções portuguesas do poema épico *Oberon* (1780) de Wieland por Filinto Elysio (Paris, 1802) e mais tarde por Marquesa de Alorna (1844). Preferiu a versão de Filinto, baseada numa tradução francesa, pelo seu valor poético.<sup>12</sup> Aliás, Filinto serviu sempre como referência de excelência na sua justificação para produzir traduções, ou melhor, reescritas poéticas de obras, cujas publicações originais eram em língua pouco conhecida. Nas suas palavras introdutórias a “Poesia do Dinamarques Oelenschlaeger” nas *Escavações poeticas* (1844) defende a tradução livre e poética a partir de fontes em língua mediadora, que em Portugal era tradicionalmente o francês:

Philinto verteu Oberon (e foi o que mais graciosamente escreveu em sua vida) sem entender uma palavra do Wieland. Os franceses, de todas as linguas trasladam, intrepidos e denodados, não sabendo quasi nunca mais do que a sua; muitos dos nossos hoje, sem saberem nem sequer a sua, castigam os franceses, tradusindo quantas lástimas elles por lá ingendram. Quanto ao dinamarquez, de que me-appresento traductor, confesso que o sei tanto como os nossos sabem francez, como os franceses sabem as outras linguas, e como o Philinto sabia o allemão: sem embargo affirmo que traduso fiel. (CASTILHO, 1844, p. 250)

<sup>8</sup> “Affonso e Isolina. Ballada livremente traduzida do inglez de Lewis Pelo Sr. Allexandre Herculano de Carvalho” foi incluída na edição de *A noite do castello. Os ciumes do bardo* de 1864.

<sup>9</sup> Cf. a “Epístola ao Morgado de Assentiz” em *Excavações poeticas* (1844: 14 e 16). Nota de rodapé n. 4, na p. 16: “No estudo da língua allemã andava todo, e na sociedade do sr. Assentiz nos-fazia, às noites, leitura da sua traducção do *Phantasma* de Schiller.”

<sup>10</sup> *O Visionario. Romance de Schiller. Traduzido do Allemão por João Felix Pereira*. Lisboa: Typ. de A.J.F. Lopes, 1852.

<sup>11</sup> Cf. *Castilho e Camilo: correspondência trocada entre os dois escritores, pref. e notas de João Costa* (Coimbra: Impr. da Universidade, 1924), p. 62.

<sup>12</sup> “O Oberon, que traduzido directamente do allemão pela Marquesa d’Alorna tão dessalgado saiu, que mal deixa adivinhar porque é que a Wieland se dera a qualificação de Voltaire do Norte, o Oberon veio a ser um dos mais saboreados poemas em nossa língua, saído da pena de Filinto, que nos declara não saber palavra do allemão” (CASTILHO, 1872: 13-14).

Para Castilho, Filinto Elyσιο abriu um precedente com a defesa do seu método nas páginas introdutórias do seu *Oberon* (“A quem ler”), antecipando, embora não refutando as duras críticas previsíveis logo com a primeira frase:

Jà daquí advirto os Senhores Criticos, que não compreendo uma só palavra de Alemaõ, linguagem, em que este Poema foi originalmente escripto. (*Critico*) Para que pois te atreveste a traduzi-lo? (*Filinto*) Por tres motivos. 1.º Porque foi meu gosto. 2.º Por seguir o exemplo do Snr. La Harpe, que traduziu Camoës sem entender, como elle mesmo confessa, a lingua Portugueza. 3.º Porque (jà aliàs o disse) Criticas não fazem mais mòça em mim, que as pragas nos Patos, que com ellas engordaõ. (WIELAND, 1802, p. [I])

Além de versões em francês, António Feliciano de Castilho podia contar com o apoio do seu irmão. Durante a sua estadia como vice-cônsul em Hamburgo<sup>13</sup> nos anos trinta do século XIX, José Feliciano de Castilho tinha adquirido conhecimentos da língua e literatura alemãs:

Versado já, como quer que fosse, na língua alemã pelo trato com os da terra, entendeu que bom serviço faria aos da nossa, passando-lhes para vulgar o que por lá se lhe deparava de mais afamado e esplêndido, de mais convidativo e fecundo por entre as produções ubérrimas da caudalosa veia dos Germanos. Assim escreveu excertos da *Messiada* de Klopstock, trechos de Wieland, e anos depois, e já em tempos mais chegados, a tradução do *Guilherme Tell* e da *Maria Stuart* de Schiller, e finalmente a do *Fausto*. (GOETHE, 1919, p. 8)

Subsiste muita literatura sobre o debate polémico que António Feliciano de Castilho provocou com a sua tradução, ou rescrição, da primeira parte da célebre tragédia *Faust* (1808) de Goethe, publicada em 1872.<sup>14</sup> Ainda no início do século XX os insultos continuaram, devido ao incumprimento de uma definição de “tradução” então estabelecida:

Traduzir é comparar, é confrontar, é contrapor, é reduzir a uma determinada língua aquilo que, *em confronto directo*, num outro idioma alguém escreveu. Para levar a cabo este propósito, é indispensável e honestamente obrigatório que o interprete conheça *muito bem* os dois idiomas. Ora Castilho violando este rudimentarissimo principio de probidade literária desceu á miseravel categoria de um charlatão. (CALDAS, s. d., p. 31-32, grifos nossos)

Neste contexto relembra-se as palavras de Almeida Garrett no capítulo XXVIII das *Viagens na minha terra*, após a citação de “aqueles sublimes e inimitáveis versos da introdução do Fausto”, cuja tentativa de traduzir ficou aquém do resultado desejado:

<sup>13</sup> Junto com José Ribeiro dos Santos (Consul-Général), José Feliciano de Castilho publicou nesse tempo o *Traité du consulat* (2 v., Hambourg, Langhoff, 1839).

<sup>14</sup> Gostaria de referir neste contexto o livro do meu colega Pais (2013).

Não me atrevo a pôr aqui o resto da minha infeliz tradução: fiel é ela, mas não quero outro mérito. Quem pode traduzir tais versos, quem, de uma língua tão vasta e livre, há-de passá-los para os nossos apertados e severos dialectos romanos? (Garrett, 1846, II, p. 26-27)

Desde 1828, a conhecida tradução francesa de Gérard de Nerval tinha sido crescentemente divulgada só entre os leitores portugueses francófonos;<sup>15</sup> outros tradutores anteriores eram Stapfer (1818) e Sainte-Aulaire (1822). Em 1867, o jovem diplomata Agostinho d’Ornellas publicou a tradução portuguesa da primeira parte de *Fausto* diretamente do alemão; seguido pela segunda parte em 1873. Esta obra, reconhecida agora como “uma das traduções europeias mais fiéis e mais poéticas” (DELILLE, 1984, p. 91), passou quase despercebida, ou foi subestimada e ignorada nos círculos literários daquela época.<sup>16</sup> Perante este cenário não podemos menosprezar “o Fausto português improvisado”, como Castilho chama à sua versão poética. Esta foi baseada na tradução do seu irmão, elaborada de frase a frase e de palavra a palavra, com a ajuda de “Eduardo Laemmert, alemão residente como ele e já de muito no Rio de Janeiro, erudito notável” (GOETHE, 1919, p. 12). Além disso, utilizou a tradução de Ornellas e quatro francesas. Em 1873, recebeu um exemplar da segunda parte do *Fausto. Tragédia de Goethe, Traduzida do original em verso portuguez por Agostinho d’Ornellas*, dedicada a Sua Magestade Imperial, o Senhor Dom Pedro II, Imperador do Brasil, que tinha encomendado a obra. Na introdução, o tradutor apresenta *Fausto* como a “maior obra poética do século” que

pode ser considerado na poesia o que é na sciencia o Cosmos de Alexandre de Humboldt, uma synthese do Universo, um esforço prodigioso para resolver poeticamente o problema da existencia e abranger n’uma elevadissima unidade o eu e o não eu. (Goethe, 1873, p. [IX])

Na sua carta de agradecimento, datada 14 de julho de 1873, António Feliciano de Castilho não comenta este excursão na filosofia Fichteana. Elogia a tradução de Ornellas, justificando ao mesmo tempo, embora indiretamente, a sua própria:

Se è permitido dizer, sem sombra de offensa, confesso a v. exc.<sup>a</sup> que acho este seu segundo Fausto portuguez tanto mais do meu gosto que o primeiro, quanto no original o primeiro, como poema, e sobretudo como drama, lhe leva palma. [...] A um germanista, como v. exc.<sup>a</sup> se vê que o é, pertence restituir aos talentos allemães, os créditos que por aqui lhes andam profanando meia dúzia de charlatães, que sabem tanto de allemão como do portuguez, e do portuguez e allemão, tanto como de senso commum, das regras iniciaes do gosto, e dos elementos mais vulgares da moral e da civilidade. (BARRETO, 1874, p. X)

<sup>15</sup> Goethe, Johann Wolfgang von, *Faust: tragédie / nouv. trad. complète en prose et en vers par Gérard [de Nerval]*, Paris: Dondey-Duprés, 1828.

<sup>16</sup> *Fausto. Tragédia* de Johann Wolfgang von Goethe; trad. por A. d’Ornellas, Lisboa: Typ. Franco-Portugueza, 1867; *Fausto tragédia de Goethe; segunda parte*; traduzida do original em verso portuguez por Agostinho D’Ornellas deputado ás cortes. Lisboa: Lallemand Frères, 1873.

Na opinião de Castilho esta tradução de Ornellas, compensou a carência de “merecimentos que a velhice do grande Goethe não pôde evitar”, e deseja que se trasladasse para o teatro português “alguma ou algumas das obras primas de Schiller” (BARRETO, 1874, p. X). De facto, o Romantismo tardio favoreceu as peças de Schiller.

Quase trinta anos após a publicação de Goethe, *O Correio das Damas* elogiou o *Fausto* como “o vôo da aguia da poesia moderna” (CORREIO DAS DAMAS, l v. 1º, II, 1836-37, p. 190); o mesmo já não se pode dizer desta tragédia quando as versões portuguesas apareceram entre 1867 e 1873.

Nas *Viagens na minha terra*, Garrett tinha associado a lenda de Frei Gil de Santarém com o “Doutor Fausto” de Goethe, mas já em março de 1844, Castilho chegou a anunciar na *Revista Universal Lisbonense*, num prospecto das obras inéditas, que pretendia publicar o volume “O Homem do Diabo e de Deus, ou Sancto Fr. Gil, romance em prosa”, projeto que não se concretizou.<sup>17</sup>

Na “Advertência” da sua tradução, escreveu: “A tragédia Fausto de Goethe aclamado imperador pontífice dos poetas da Alemanha, é obra indubitavelmente única no seu género. [...] De nenhum outro livro se tem dito e escrito tanto; é por que este é que foi o verdadeiro padrão que estremou o mundo poético antigo do mundo poético hodierno” (GOETHE, 1919, p. 7).

Alerta para o facto de que, até na própria Alemanha, a receção dessa peça tenha causado dificuldades, sobretudo devido aos enigmas filosóficos e ao simbolismo da hermética segunda parte, publicada em 1832. Castilho critica este “Fausto da velhice de Goethe” por sendo “tão abstruso o senso das ficções, e as ficções mesmas tão desnaturais, tão inverossímeis, tão impossíveis”. Não se atreveu a elaborar uma reescrita desta segunda parte: “seria esse um trabalho ainda mais fragoso e, quando as dificuldades se vencessem, menos acondicionado para ser bem aceito da nossa gente. [...] O primeiro [Fausto], o nosso, foi um gigante; o último figura-se ao espírito da nossa consciência o homúnculo, um produto abusivo das forças da arte” (GOETHE, 1919, p. 16).

Se Castilho atesta que em Portugal existiria “uma certa adoração pânica do nome de Goethe”, este sentimento ambivalente não se devia meramente ao “contagioso assombro da tragédia Fausto”. Também a receção tardia do romance epistolar *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774) contribuiu para a fama do autor alemão. A obra foi proibida pela censura em Portugal e o manuscrito confiscado de uma tradução de cartas seletas de Werther, encontra-se ainda na Torre do Tombo.<sup>18</sup> Os relatórios do censor naturalizado João Guilherme Christiano Müller, um alemão que se tinha convertido ao catolicismo, condenam a obra de Goethe, mencionando dois casos de suicídio em Portugal:

Em Portugal conheço eu ao menos duas famílias sumamente respeitaveis, que tiveraõ razaõ de amaldizoar, junto dos corpos ensanguentados de filhos queridos, as funestas locuras que lhes insinuou

<sup>17</sup> *Revista Universal Lisbonense*, v. III, série III, n. 29, p. 353, 7 mar. 1844.

<sup>18</sup> *Cartas Selectas de Werther. Traduzidas do Francez*, Real Mesa Censória, Manuscritos da Livraria, ms. 289, Arquivo Nacional Torre do Tombo.

este Livrinho. [...] Sera difficultozo achar-se hum pregador do suicídio mais arrogante, e persuasivo, apto a capacidade de todo o mundo. [...] Mas o Original he escrito com tanta arte, singularidade, e energia, que tem havido horas na minha própria vida, nas quaes desejava nunca-o ter lido.<sup>19</sup>

Tendo sido diretor da influente *Revista Universal Lisbonense*, Castilho tornou-se gradualmente mentor dos autores da segunda geração romântica. Entre 1842 e 1843, esta revista alerta para o encorajamento do suicídio em “romances perigosos”. Um comentário irónico, não assinado, propõe medidas que até facilitem o suicídio, sugerindo que “lá em cima houvesse de dia e de noite quem acudisse aos irresolutos com o decisivo copo de bebida espirituosa, que desde Werther para cá, tantas vezes, e tão eficazmente, ha servido em simihantes lances” (*REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE*, 1842-1843, p. 36).

Ainda em 1850, Castilho reprova o romance epistolar de Goethe, considerando “*Werther*, esse evangelho de suicidas, que a tantos tem precipitado” (CASTILHO, 1907, XLVIII, p. 8).

No seu ensaio *Les Romantiques Portugais et l'Allemagne* (1939), Gerd Moser constata que *Werther* tinha sido lido em Portugal como uma obra genuinamente romântica, sendo a primeira tradução publicada só em 1821: *Werther: Historia Alemã. Escrita pelo Doutor Goëthe [sic]*. Chama a atenção para a influência de *Werther* na coletânea poética *Amor e melancolia ou a Novissima Heloisa* (1828) de Castilho: “Mais on trouve dans *Amor e Melancolia* des allusions qui rapportent sans doute aux *Souffrances du jeune Werther*” (MOSER, 1939, p. 101). Alegando que essa contaminação seja perfunctória e meramente decorativa, uma cedência ao gosto literário da época, Moser aponta dois poemas: “A Musa Melancolica” e “O Suicidio”. No caso do primeiro poema, o crítico identifica o leitor desejado pelo autor, provavelmente modelado a partir de *Werther*: “Castilho souhaite comme lecteur le jeune homme désespéré” (MOSER, 1939, p. 105). No segundo destaca o amoroso infeliz e suicida, bem como o motivo do reencontro *post mortem*; um noivado do sepulcro, motivo que conhecemos de Soares de Passos (1852) mas também das baladas de Gottfried August Bürger (“Lenore” 1774) e Goethe (“Die Braut von Korinth” [A Noiva de Corinto], 1797). No seu estudo sobre a recepção portuguesa de *Werther* (2009), Maria Antónia Teixeira não subescreve a interpretação de Moser, apontando para outras influências literárias, como Gessner, Rousseau e Richardson (cf. TEIXEIRA, 2009, p. 211-213).

Em *Vivos e mortos* (1844), Castilho dá testemunho do seu conhecimento, da inspiração e da divulgação da literatura mundial, ou seja, da “Weltliteratur”:

*Werther* e *A nova Heloisa*, e, antes de Goethe e Rousseau, a Clarisse Harlowe de Richardson, foram ficções, de que a Litteratura de todos os povos se apossou, reproduzindo-as e vulgarizando-as; estão em toda a parte; todos as conhecem; por muito tempo se imitaram bem ou mal; todas, como se diz, fizeram a sua escola; e essas escolas, pouco ou muito ainda ahi vivem. (CASTILHO, 1904, VI, p. 64)

<sup>19</sup> Relatório de J.G.C. Müller, 31 de Agosto de 1797, ANTT, RMC, Requerimentos para entrega de livros retidos nas Alfândegas, na Casa da Revisão ou na Secretaria da Mesa, cx. 144 (Torre do Tombo, Lisboa), p. 7.

Intimamente ligado com a receção de *Werther* são os textos ossiânicos do escocês James Macpherson (1736-1796), porque na época existia uma verdadeira “ossianomania” na Alemanha<sup>20</sup> e o melancólico protagonista de Goethe recita o Bardo em várias páginas do romance. No entanto, essas longas passagens, essenciais para a lógica dos acontecimentos e para o desenvolvimento psicológico de Werther e a sua relação com Carlota, são omissas em muitas traduções francesas, inglesas e portuguesas (cf. Bär, 2006). É possível que Castilho tivesse utilizado uma destas traduções francesas. Todavia, tinha certamente também acesso a uma edição dos *Poemas de Ossian* em francês, uma vez que as traduções portuguesas apareceram relativamente tarde, tanto em Portugal como no Brasil, e em publicações dispersas (cf. BÄR, 2010).

Julho de Castilho, o filho e biógrafo de António Feliciano Castilho alude ao estilo de Ossian para descreditar Anthero de Quental, que tinha severamente criticado o trabalho do seu pai, “[...] largando a tuba meio ossiânica, meio dantesca da sua linguagem oracular, [...]” (CASTILHO, J., 1866, p. 11). Também observa uma atitude e um tom ossiânicos empregues para enfatizar um sentimento nacionalista, na *Epistola ao senhor D. Miguel* (1834): “[...] voltando para o mar, como os bardos de Ossian, o poeta portuguez desafogou em torrentes de inspirada eloquencia a dor nacional [...]” (CASTILHO, J., 1929, III, p. 13).

No seu poema “A Sésta”, incluído em *Amor e melancolia ou A novíssima Heloisa* (1828) e também em Alves (2014, p. 55-56), o próprio António Feliciano de Castilho refere duas vezes “Malvina”, a noiva de Oscar, filho prematuramente falecido de Ossian e em “A chave do enigma” evoca “dos Bardos, o Bardo, Ossian, o altivo, (pelo seu estro o juro; imensa jura!)” (CASTILHO, 1861, p. 390).

Os seus poemas épicos *A noute do castelo* e *Ciúmes do bardo*, publicados em 1836, são exemplos de medievalismo e revelam por um lado a receção dos seus compatriotas Garrett e Herculano e por outro abarcam reminiscências góticas (M. G. Lewis) e ossiânicas no cenário medieval. Apesar da utilização de terminologia e imagística clássicas (“Phebe”, “Averno”) o tom e o estilo da sua ode “A um eclipse da Lua” evidenciam analogias<sup>21</sup> com o poema “Darthula”, publicado pela primeira vez em *Fingal* (1762):

Que negro veo de tua face encobre  
argéntos raios, luminosa Phebe?  
Do negro Averno que vapor te enluta / horrído e negro?  
Acaso, acaso desmaiaste ó deusa, / por ver que em nuvem condensada e feia  
prezos ficaram teus frisões, nem podem / surgir avante?  
(CASTILHO, 1905, XXVII, p. 59).

<sup>20</sup> O termo ‘Ossianomanie’ foi utilizado num artigo publicado no jornal *Neue Leipziger Literaturzeitung*, 3:85 (1808), p.1355.

<sup>21</sup> Cf.: o poema “A Lua” de Augusto José Gonçalves Lima J.F. Monteiro, 1848: 301-304), a invocação da lua no poema “Hymno Á Lua” de J. S. Da Silva Ferraz, (Braga, 1877: 56-58 (originalmente publicado em *O Novo Trovador*, Coimbra, 1856, p. 163).

Sem dúvida, existem semelhanças no modo de invocar a lua, na sua personificação sentimental e no aspecto do luto.

Comentando o drama histórico *O pagem de Aljubarrota* de José da Silva Mendes Leal Júnior na *Revista Universal Lisbonense*<sup>22</sup> em Maio de 1843, Castilho elogia a expressão poética e o bom gosto do autor na sua adoção do tema ao género: “[...] é o mavioso, sentido, e enamorado de Bernardim Ribeiro, o trovador dos amores e das saudades, com leves clarões do ardente, arrebatado, e romanesco do teatro espanhol, e do natural e folgado de Gil Vicente” (CASTILHO, 1906, XLII, p. 88). Recorre à comparação com os Cantos de Ossian para enquadrar a peça na tradição literária: “Nem é chão e despoético, que resvale em razo e prosaico, nem tão alto que entre pelas nuvens como o vaporoso de Ossian. A nosso ver, este drama e o seu estylo representam uma nova escola, ...” (CASTILHO, 1906, XLII, p. 89). As imagens escolhidas (“pelas nuvens” / “vaporoso de Ossian”) não escondem uma certa ironia do autor.

Também na sua recensão do romance de Herculano, *Eurico, o presbytero* (1844), Castilho compara esta obra romântica com raízes na literatura gótica com as poesias ossiânicas: “Os seus desenhos são severos, grandiosos e todos a negro. Foi uma valente mão a que os perfez; só outra valente mão os poderia copiar, e faria mal se o fizesse. São como as poesias de Ossian: maraviham, e largam-se”<sup>23</sup>.

Contudo, a referência à autoridade reconhecida do Bardo, ainda serve como exemplo paradigmático para todos os géneros literários.

No seu livro *Os poetas cegos* (1929) Adriano Anthero tenta uma reabilitação total de Castilho como poeta e como tradutor, colocando-o lado a lado com o “Bardo” Ossian, Milton, Corneille e Homero, cuja cegueira aumentou a sua sensibilidade epistemológica. Julho de Castilho chega até a insinuar: “Se grandissimos cegos, como Homero, Delille, e Ossian, tivessem perdido a vista desde pequeninos, nunca teriam chegado aonde chegaram” (CASTILHO, J., 1929, III, p. 96). Segundo Adriano Anthero, “nenhum escriptor foi mais injustamente criticado em vida, e mais injustamente despresado na morte”. Citando várias autoridades literárias, como José Gomes Monteiro<sup>24</sup> e o próprio Antero de Quental, alega que a tradução de Faust “além de ser tecnicamente perfeita no verso e no portuguez, corresponde em tudo aos dizeres e pensamento de Goethe” (ANTHERO, 1929, p. 87). Relativamente a tradução do idílio “Amintas” de Gessner, Fernanda Gil Costa também afirma que a versão de Castilho, além da feliz escolha da redondilha, mais próxima da prosa rítmica do original, transmite igualmente o teor moralizante desta obra. Todavia,

<sup>22</sup> No volume III, 2ª série, pp. 285-288 desta revista apareceu um artigo assinado por ‘Tacitus’ que explora a relação entre as peças *Frei Luiz de Sousa* de Garrett e *Chatterton* de Alfred de Vigny. O autor descobre no *Bardo* de Castilho o legado de Vigny, que segundo Van Tieghem (1917: II, 329-334), estava influenciado por *Ossian*: “O *Chatterton* é um producto da litteratura moderna, da família dos *Renés* e dos *Obermans*, de que descende em linha recta incontestavelmente o *Bardo* do snr. Castilho.”

<sup>23</sup> “Eurico, O Presbytero”, *Revista Universal*, jan. 1845. In: *Obras Completas de Antonio Feliciano de Castilho*, v. XIV: *Vivos e Mortos VII*, Lisboa: Empresa da Historia de Portugal 1904, p. 24.

<sup>24</sup> Na sua obra *Os criticos de Fausto do Snr. Visconde de Castilho* (1873), Monteiro tinha defendido “o illustre traductor do *Fausto*” contra os “dois criticos [F. Adolpho Coelho e Joaquim de Vasconcellos que] por vaidosa ostentação da sua pretendida *sciencia alleman*, empreenderam demolir a alta reputação do Visconde de Castilho” (MONTEIRO, 1873, p. 190).

a tentativa de “nacionalizar” o idílio afasta-o do texto alemão: “Feito sobre as várias traduções já existentes em francês e português (como mais tarde a tradução do *Fausto* de Goethe), o contacto com a linguagem do texto-fonte, a nível de opções de vocabulário, sintaxe e sonoridade, está irremediavelmente perdido” (COSTA, 1995, p. 190).

Sem entrar em mais pormenores sobre a originalidade da sua poesia e da qualidade das suas traduções, ou seja, reescritas poéticas e criativas, podemos concordar com Ida Alves que afirma a relevância de António Feliciano de Castilho para as letras e cultura portuguesas, devido ao seu ímpeto de trabalho, a sua curiosidade e animação com os mais diversos projetos (ALVES, 2014, p. 14). De facto, Castilho foi um importante cronista do século XIX (*Revista Universal de Lisboa*) e um mediador incansável e relevante das culturas e literaturas europeias. Tendo uma formação “clássica”, os “belos génios da antiguidade” influenciaram a sua fantasia e produções poéticas que ele considerou “primeiras excursões no campo da revolução litteraria” (CASTILHO, 1861, p. 14-15). Obviamente, os seus modelos da literatura alemã, como as obras de Gessner e mais tarde de Goethe, não foram contemporâneos e até Ossian remete para o Pré-Romantismo. Autores, como os irmãos Schlegel e Grimm, ou Novalis (1772-1801) e E. T. A. Hoffmann (1776-1822) que marcaram o Romantismo alemão, aparentemente não atraíram o interesse de Castilho, embora, como no caso de Hoffmann, existissem traduções em francês desde 1840.<sup>25</sup> O mesmo aconteceu com poetas que criticaram e superaram o Romantismo, como Heinrich Heine (1797-1856), cujas obras foram traduzidas desde os anos trinta do século XIX por Gérard de Nerval, Marquis de Lagrange, Henri Blaze e Saint-René Taillandier. Todavia, nos seus paratextos eruditos, António Feliciano de Castilho, sem ser um protagonista no campo da revolução literária, criou uma intertextualidade e uma atitude autorreflexiva sobre o processo de escrever que foi inovador em Portugal. Considerando as suas numerosas publicações e atividades neste campo, este ensaio conseguiu apenas focar alguns aspetos relacionados com sua recepção produtiva na área da literatura de expressão alemã.

## Referências

ALVES, Ida. António Feliciano Castilho: visitaçao a uma obra esquecida. In: \_\_\_\_\_; CRUZ, Eduardo da (Org.). *Para não esquecer Castilho: cultura literária oitocentista*. Niterói: Editora da UFF, 2014. p. 9-30.

ANTHERO, Adriano. *Os poetas cegos*. Porto: Imprensa Moderna, 1929.

BÄR, Gerald. A citação na tradução: o caso de *Werther* e *Ossian*. In: MIGUEL, M. A. C. et al. (Eds.). *Actas do I Colóquio de Tradução e Cultura*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2006. p. 52-66.

<sup>25</sup> Cf. a tradução de Henry Egmont (pseud. de Henri Massé), *Contes fantastiques de E. T. A. Hoffmann*, édition Perrotin, 1840, 4 v.

- \_\_\_\_\_. *Poesias de Ossian: antologia das traduções em português*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2010.
- BARRETO, J. A. da Graça. *A questão do fausto pela última vez*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1874.
- CALDAS, José (Org.). *Vinte cartas de Camilo Castelo Branco: 1876-1885*. Porto: Companhia Portuguesa, s. d.
- \_\_\_\_\_. Trad. João António da Fonseca. *Cartas Selectas de Werther. Traduzidas do Francez*. [1796?] ms. 289, Manuscritos da Livraria, Real Mesa Censória, Arquivo Nacional Torre do Tombo.
- CASTELLO BRANCO, Camillo Castello. *Solemnia verba. Ultima palavra da sciencia. Scenas da foz por João Junior*. 2. ed. Porto: Em Casa de Cruz Coutinho, 1860.
- CASTILHO, António Feliciano de. *A primavera*. 2. ed. mais correcta, emendada, e copiosissimamente accrescentada. Lisboa: Typ. de A. I. S. de Bulhões, 1837.
- \_\_\_\_\_. *Escavações poéticas*. Lisboa: Typographia Lusitana, 1844.
- \_\_\_\_\_. *Amor e melancolia ou a novíssima Heloisa*. Lisboa: Typ. da Sociedade Typographica Franco-portugueza, 1861.
- \_\_\_\_\_. *O outono: collecção de poesias*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1863.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas de A. F. de Castilho: revistas, anotadas, e prefaciadas por um de seus filhos*. Lisboa: Emp. da Historia de Portugal, 1903-14, vols. XXVII (1905), XLII (1906) e LI (1907).
- CASTILHO, Julio de. *Memorias de Castilho (1926-1932)*. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929. 6 v.
- \_\_\_\_\_. *O senhor António Feliciano de Castilho e o senhor Antero do Quental*. 2. ed. Lisboa: Typ. da Rua dos Galegos, 1866.
- COMPILADOR ou Miscellanea Universal, O. Lisboa, 1821-22.
- CORREIO das Damas, O: Jornal de Litteratura e de Modas. Lisboa, 1836-52.
- COSTA, Fernanda Gil. Salomão Gessner: Um Episódio Português. A Propósito das Traduções dos Idílios de Gessner em Portugal, *Dedalus – Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, n. 5, p. 185- 203, 1995.
- DELILLE, Maria Manuela Gouveia. A recepção do Fausto de Goethe na literatura portuguesa do século XIX”, *Runa* [Revista portuguesa de estudos germanísticos], v. I, p. 89-99, 1984.
- GARRETT, J. B. de Almeida. *Viagens na minha terra*. Lisboa: Typ. Gazeta dos Tribunais, 1846. 2 v.
- GIL COSTA, Fernanda. Salomão Gessner: um episódio português. A propósito das traduções dos Idílios de Gessner em Portugal. *Dedalus – Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, n. 5, p. 185-203, 1995.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto. Tragédia de Goethe. Segunda Parte. Traduzida do original em verso portuguez por Agostinho d’Ornellas*. Lisboa: Lallemand Frères, 1873.
- \_\_\_\_\_. *Theatro de Goethe. Tentativa unica. Fausto: poema dramático. Transladado a portuguez*. 2. ed. Lisboa: Clássica, 1919.
- MACEDO, José Agostinho de. *Obras inéditas: cartas e opúsculos documentando as memórias*

para a sua vida íntima e sucessos da história literária e política do seu tempo. Lisboa: Typographia da Academia Real das Ciências, 1900.

MACPHERSON, James (Org.). *Fingal, an ancient epic poem, in six books: together with several other poems, composed by Ossian the son of Fingal*. Translated from the Galic language, by James Macpherson. London: Printed for T. Becket and P. A. De Hondt, 1762.

MAFFEI, Luís. Castilho, Poeta. In: ALVES, Ida; CRUZ, Eduardo da (Orgs.). *Para não esquecer Castilho: cultura literária oitocentista*. Niterói: Editora da UFF, 2014. p. 37-54.

MONTEIRO, José Gomes. *Os criticos de Fausto do Snr. Visconde de Castilho*. Porto: Viuva Moré, 1873.

MOSER, Gerd. *Les Romantiques Portugais et L'Allemagne*. Paris: Jouve, 1939.

MOURÃO-FERREIRA, David. Ao encontro de Castilho, *Critério*, n. 4, 27-32, 1976.

PAIS, Carlos Castilho. *António Feliciano de Castilho, tradutor do Fausto*. 2013. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2588/1/Ant%C3%B3nio%20Feliciano%20de%20Castilho,%20tradutor%20do%20FAUSTO.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2015.

REVISTA Universal Lisbonense, Lisboa, 1841-1859.

RIBEIRO, Thomaz. *Elogio historico de António Feliciano de Castilho Visconde de Castilho lido na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 15 de Maio de 1877*. Lisboa: Typografia da Academia, 1877.

TEIXEIRA, Maria Antónia Gaspar. *Werther em Portugal: a recepção portuguesa de 'Die Leiden des jungen Werthers', de 1784 até finais do primeiro Romantismo*. Coimbra: Minerva, 2009.

WIELAND, Christoph Martin. *Oberon, poema de Wieland*. Trad. Filinto Elysio. Paris, 1802. 2 v.

## Minicurrículo

Gerald Bär fez o mestrado em Friburgo (Alemanha) e o doutoramento em Lisboa com uma tese sobre o motivo do *Doppelgänger* como fantasia de fragmentação na literatura e no cinema mudo alemão. Desde 2003 é professor auxiliar na Universidade Aberta em Portugal e leciona nas áreas da Literatura e Cultura Alemãs e Literatura Comparada. É vice-presidente da APEG (Associação Portuguesa de Estudos Germanísticos), membro do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC) da Universidade Católica, da IVG (*Internationale Vereinigung für Germanistik*), da BSECS (British Society for Eighteenth-Century Studies), da AIM (Associação de Investigadores da Imagem em Movimento). Autor do curta-metragem *Bartolomeu de Gusmão e a arte de voar* (2009), entre outros.